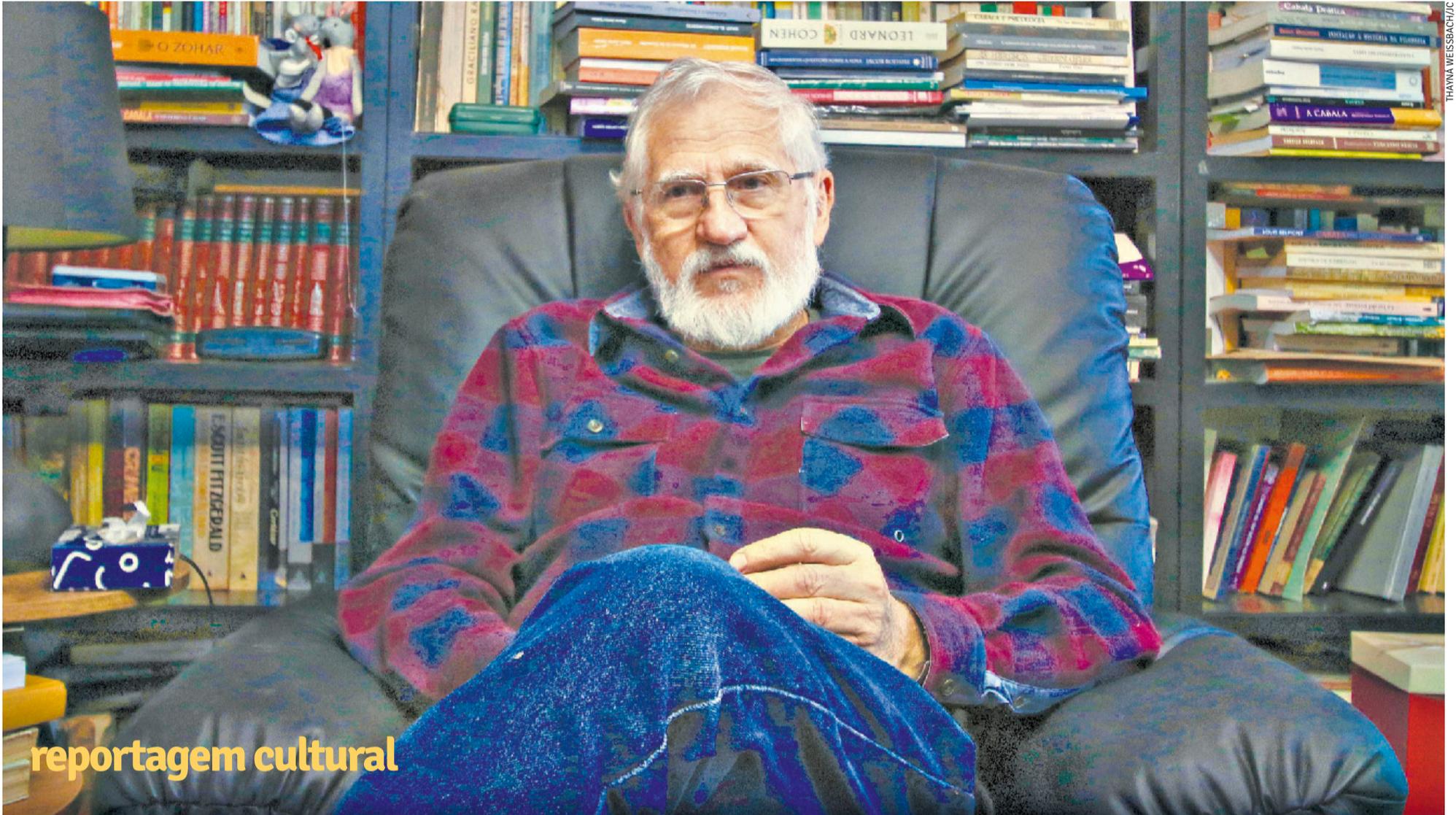


Distanciado da literatura,
Charles Kiefer encontrou na
Kaballah um novo caminho



reportagem cultural

Charles Kiefer e sua missão

Rafael Gloria, especial para o JC

Charles Kiefer foi, durante anos, um dos nomes mais destacados da literatura gaúcha. *Caminhando na chuva* teve sucesso nacional de vendas, obras como *Valsa para Bruno Stein* foram levadas ao cinema, e o escritor acumulou honrarias, como três prêmios Jabuti. Não era exagero dizer que Kiefer era o expoente da literatura gaúcha dos anos 1980-90, visto como nome promissor na terra de gigantes como Mario Quintana e Erico Verissimo.

Há alguns anos, porém, tudo mudou. Abandonou a literatura, tanto a escrita ficcional quanto à dedicação ao ensino - como ele mesmo diz, foi se retirando da cena aos poucos. Ele raramente dá entrevistas, mas depois de reiterados pedidos acabou aceitando conversar em uma tarde chuvosa no final de abril. "A literatura para mim não tem mais importância",

admite. "Mas não renego. Tanto que estou aqui contigo. Confesso que eu cedi por uma questão pessoal: Tu me aguentou como professor e pode me aguentar agora como entrevistado." Kiefer se refere ao fato de que foi seu aluno nas famosas oficinas literárias que ele criou no início dos anos 2000 e que reuniram muitos aficionados por literatura.

Kiefer também não esconde seu maior interesse e o que relata ser a sua verdadeira missão: a Cabala, ou como ele prefere, em inglês, a Kabbalah. "Na vida eu quero ser lembrado como professor de Kabbalah. Como alguém que ajudou as pessoas a fazer a iluminação", esclarece. Atualmente, ele conta com vários alunos, inclusive em outros países. Sua base de trabalho é a Casa do Mikvê, no bairro Petrópolis, em que ele e a esposa, Marta Tejera, reúnem grupos de interessados para difundir essa sabedoria. "Trata-se de uma

ciência prática que te ensina como viver melhor. A Marta diz: é um método de administrar a vida. Não tem nada de acreditar nisso ou naquilo", resume.

No meio da conversa, sua filha mais nova aparece. Anna tem 5 anos e quer ser confeitira. O semblante no rosto de Kiefer fica mais animado. "Estou escrevendo uma história infantil para a Anninha. Um poema em sextilha maior. Porque para a primeira e para a segunda filha eu fiz dois livros infantis. Aí a Marta me disse, e agora? Tem que fazer. Senão ela vai se sentir magoada", diz.

Durante nossa conversa, ele revela ter escrito mais de 40 livros em gêneros como poesia, ficção e também de kabbalah. Todos ainda não publicados. E também uma autobiografia. "Ela se chama *Suor no Rosto* porque o que eu mais fiz na vida foi trabalhar. Então eu referencio a Bíblia, lá no Gênesis: no suor do teu ros-

to comerás o teu pão", diz. Todos esses livros só serão publicados após a sua morte. Mas por quê? "Eu não quero saber a opinião das pessoas. Antes eu gostava. Agora não dou bola. Sou feliz sem depender disso", aponta.

É impossível falar da trajetória de Charles Kiefer sem citar a experiência de quase morte (EQM) pela qual ele passou em 2006, após complicações em uma cirurgia. "Todo mundo que tem uma EQM muda completamente de vida. Porque antes a pessoa vivia de forma errada. Eu mesmo. Tu assumes uma outra responsabilidade", diz. A partir dessa experiência que a Kabbalah foi introduzida como sua nova missão.

Mas há resquícios literários na fala de Charles Kiefer, no modo como ele descreve as situações, as referências que traz para explicar ideias, por exemplo, como quando reflete sobre a importância do tempo para o reconhecimento do

escritor ou do artista. "Quem vai definir se vai ser escritor ou não? É a história. Não é o professor, não é o jornalista, não é o sistema. Pensa bem o quanto o Kafka... Quantos escritores maravilhosos não viram os seus livros publicados?", afirma.

Para ele, a literatura é nada mais do que um relicário de acontecimentos do passado. "A questão agrária brasileira, do Rio Grande do Sul. Por exemplo, *Valsa para Bruno Stein*. É como funcionava no século XX o pré-capitalismo agrário. Só. É isso que está lá. Então, lá no futuro, quando alguém quiser estudar isso, onde ele vai? Ele vai no relicário. Então, vê, se isto for importante para o futuro, aí o meu livro volta a ser importante. Se não for, ninguém vai ler. Mas como eu gostaria de ser lembrado na literatura? Na literatura, eu gostaria de ser esquecido."

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Paulo César Pereio,
simples e totalmente ator

Dois episódios que presenciei, envolvendo Paulo César Peréio, falecido no último domingo: ele integrava o elenco da peça *Roda Viva*, texto de estreia de Chico Buarque na dramaturgia. Havia ameaças do CCC - Comando de Caça aos Comunistas contra o elenco, ameaças que se tornaram concretas em Porto Alegre, quando a montagem estreou no então Teatro Leopoldina, na Avenida Independência. Como Pereio era gaúcho (nasceu no Alegrete), ele não ficava com o elenco no hotel, mas hospedava-se na casa da família. Logo na noite de estréia do espetáculo, houve um ataque do CCC contra o elenco da peça. Os camarins do teatro ficavam muito próximos à rua, com pleno acesso pela João Telles, e foram invadidos. Os atores foram pichados, deixados nus e ameaçados de morte. Pereio foi o único que escapou. A peça cancelou a temporada, a equipe voltou para São Paulo e a produção acabou sendo proibida pela censura. O texto da peça, embora pouco conhecido, é importante para a compreensão da obra do compositor e dramaturgo.

Outro episódio: Pereio já havia recebido um Kikito, o prêmio do Festival de Cinema de Gramado, enquanto ator coadjuvante. Tendo participado de mais de 60 filmes de longa metragem, ao longo de sua carreira, um de seus trabalhos foi em *Toda nudez será castigada*, o café da principal personagem feminina. Embora ele mesmo não tenha sido premiado, o filme ganhou o Kikito de melhor filme naquele ano. Na projeção da obra, e depois na premiação, o então Secretário de Turismo, Desportes e Cultura teve um ataque moralista, em plena plateia do cinema em Gramado, e saiu-se com improperios, aos gritos, contra o prêmio, o filme e em defesa da família brasileira. Naquela noite, Pereio estava lá, tememos o pior, mas felizmente, ele foi contido. O que não queríamos é que o festival perdesse o apoio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul...

Por que relembro os dois episódios? Vindo aos 12 anos para Porto Alegre - o pai era militar - Pereio desde cedo tomou a vida em suas mãos. Ele ia decidir sobre

sua vida. E assim o fez ao longo destes 83 anos. Foi ator, antes e acima de tudo. No cinema, na televisão, no teatro, onde estreou em 1958, em *Esperando Godot*. Fez parte do importante Teatro de Equipe, da capital sul-rio-grandense, ao lado de Paulo José e Lilian Lemmertz, ambos já falecidos. Participou do elenco de montagens como *O sr. Puntilla e seu criado Matti*, de Bertolt Brecht, com direção de Flávio Rangel, sob cuja direção trabalhou ainda em *Édipo rei* (que já tive a oportunidade de assistir), estreando por Paulo Autran, a que se seguiram, dentre outros, *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues; *O balcão*, de Victor Garcia, com textos de Arrabal (1969), a que também assisti em São Paulo; *O anti-Nelson Rodrigues* (1974); alcançando sucesso comercial com *O analista de Bagé* (1984), a partir do personagem de Luís Fernando Veríssimo; e *Galileu Galilei* (2005).

No cinema, esteve presente em filmes memoráveis, como *Os fuzis*, de Ruy Guerra (1964), *Terra em transe*, de Glauber Rocha (1967), *Toda nudez será castigada* (1973), *Vai trabalhar, vagabundo* (também de 1973), *Eu te amo*, de Arnaldo Jabor (1980) etc.

Pereio, no entanto, profissionalmente, viveu uma outra situação que o ajudava bastante a sobreviver. Sua voz era preferida, como se dizia, por nove entre dez empresas de publicidade: sua irretocável dicção, sua tonalidade de voz, sua articulação sonora etc. Isso não impediu que ele estivesse vivendo no recanto dos artistas, no Rio de Janeiro, dirigido pelo também ator Stepan Nercessian, quando baixou hospital.

Pereio foi sempre um apaixonado. Nunca teve medo de viver, de dizer o que pensava e sentia, de participar de movimentos e iniciativas com as quais se identificava, como no caso da Campanha pela Legalidade, em defesa da posse de João Goulart, enquanto presidente do país, em 1961.

Com a morte de Paulo César Pereio, perdemos um artista que é parte obrigatória da história das artes cênicas do País. Mas perdemos, acima de tudo, um cidadão.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Gerações

Desde que a figura do Rei entrou em conflito com a imagem do súdito inconformado, como no início da *Iliada*, que a relação da imagem paterna com a do descendente tem originado filmes admiráveis como o clássico *Vidas amargas*, que Elia Kazan (1909-2003) realizou em 1955, tendo por base a parte final do romance *A leste do Éden*, de John Steinbeck (1902-1968), e o mais recente e impactante *O filho*, de Florian Zeller. Logicamente não se trata apenas de um conflito entre gerações, tema não excluído de um ritual obrigatório e destinado a impor a disciplina exigida pela civilização. Trata-se também de uma ação destinada a impor novos valores e também da afirmação de uma personalidade diante da estátua colocada em seu caminho. Na história há vários exemplos, alguns muito conhecidos como o dos Dumas. O pai (1802-1870) é o autor de *Os três mosqueteiros*, e o filho (1824-1895) escreveu peças e romances e se tornou famoso com *A dama das camélias*, na qual utilizou recordações de sua ligação com Marie Duplessis, na ficção chamada *Marguerite Gautier*. Mas o texto de Dumas não ficou restrito ao teatro, pois deu origem à ópera *La traviata*, de Giuseppe Verdi (1813-1901), sobre libreto de Francesco Maria Piave (1810-1876), recentemente filmada por Sofia Coppola e que já havia chegado ao cinema em um bom filme de Franco Zeffirelli (1923-2019), realizado em 1982. Na ópera, a protagonista passou a chamar-se *Viola Valéry*.

Outro caso famoso é o dos Strauss, pai (1804-1849) e filho (1825-1899). O primeiro escreveu diversas operetas e teve seu prestígio na época, mas o filho o superou em fama e prestígio ao escrever também operetas e uma série de valsas que até hoje são ouvidas, principalmente depois que Stanley Kubrick transformou uma delas, *O Danúbio Azul*, em *2001: uma odisseia no espaço*, como expressão sonora do rio que nunca é o mesmo, e do universo em movimento eterno e iluminado pela mesma cor. As valsas de Strauss, filho, foram elogiadas por Johannes Brahms (1833-1897) e uma de suas operetas, *O morcego*, foi uma das obras nas quais Carlos Kleiber

(1930-2004), que é considerado por parte da crítica musical o maior regente de todos os tempos, expressou seu talento incomum. O maestro era filho de Erich Kleiber (1890-1956), outro nome célebre, que abandonou a Alemanha depois da tomada do poder pelos nazistas, indo morar na Argentina, quando então alterou nome do filho Karl. Diz a lenda que ao perceber o talento do filho ele teria dito ser uma pena "o garoto ter talento para a música". Kleiber, o filho, nunca deu entrevistas, recusou o convite para ser o maestro titular da Filarmônica de Berlim e deixou poucas gravações integrais. Algumas delas podem ser vistas no Youtube.

O que tudo isto, a ver com uma coluna dedicada ao cinema? É que o filme *Maestro(s)*, que está chegando aos cinemas, dirigido por Bruno Chiche, trata do tema ao colocar em cena dois regentes, pai e filho. Trata-se de um exemplo de oportunidade perdida. Atores e atrizes mal escolhidos, cenas de regência ridículas e um final constrangedor. Talvez o diretor tenha pensado nos casos citados, mas suas variações sobre o tema do conflito em questão são pobres, ingênuas e superficiais. Fritz Lang (1890-1976) dizia que nunca se perde tempo num cinema, pois se o filme nos desagrada podemos imaginar como o fariamos. O cineasta falava como autor. O espectador por sua vez pode imaginar o filme que gostaria de ver. Recentemente em *Tar e Maestro*, Todd Field e Brian Cooper mostraram como se filma o cotidiano de músicos. Cooper foi assessorado pelo maestro canadense Yannick Nézet-Séguin. Agora o que parece é que Chiche não é frequentador do espaço musical e seus intérpretes em nada colaboram. Porém, não são eles os culpados. Foram mal escalados e ainda enfrentam cenas ridículas como aquela do bumbo na rua. Lang fez uma observação inteligente sobre o comportamento do espectador. Mas para que, de tal experiência, resulte algo benéfico é necessário que a irritação ceda espaço para a paciência. Eis um exemplo eloquente de como oportunidades são perdidas e de como o cinema pode ser levado para o vazio e para a inutilidade.

fique ligado

Ecarta Musical retoma programação

Depois da interrupção por conta das enchentes, o projeto Ecarta Musical da Fundação Ecarta (avenida João Pessoa, 943) reinicia sua programação neste sábado. O grupo Balaio de Palha realizará um show, às 18h, com entrada franca. Para quem quiser assistir de casa,

o evento será transmitido ao vivo pelo YouTube da Fundação Ecarta.

O grupo executa melodias vivenciadas por várias tribos e comunidades das mais diversas condições sociais em todo o mundo, desde a música irlandesa e dos povos celtas

até a música regional italiana e germânica. Os músicos atuam nesta concepção desde 2018 a partir da fusão da dupla Johnny (violino) & Zé do Banjo, com Tales Melati, o gaiteiro da Sbornia Kontr'Atracka, e Ben-Hur, que além de grande experiência circesse também é percussionista.



MARIAN STAROSTA/DIVULGAÇÃO/JC

Nei Lisboa é uma das atrações de festival no Ocidente, neste sábado



RAFA COSTA/DIVULGAÇÃO/JC

Balaio de Palha faz show gratuito presencial, com transmissão online, neste sábado

Ocidente reabre com eventos em prol da cultura

O espaço cultural Ocidente (avenida Osvaldo Aranha, 960) anunciou um final de semana diferente, focado em ajudar o povo do Rio Grande do Sul. Nesta sexta-feira, às 22h, todas as festas fixas do espaço acontecerão juntas, em prol dos trabalhadores de eventos e casas noturnas diretamente atingidos pela enchente. Já no sábado, às 18h, o local receberá o festival Socorro Ocidente Show, onde diversas bandas e artistas unem-se em dois palcos para tentar mitigar os prejuízos causados à cultura.

Os ingressos para os dois eventos estão disponíveis na plataforma Sympla, e possuem um diferencial: o público escolhe quanto irá pagar. Eles estarão disponíveis pelos valo-

res de R\$ 30,00, R\$ 50,00 e R\$ 80,00. Também será disponibilizado uma entrada no valor de R\$ 120,00, que dá direito a um segundo ingresso para ser usado em qualquer evento regular do Ocidente no mês de junho. Todo o lucro do festival será destinado para trabalhadores da cultura afetados pela tragédia.

Dentre as atrações do festival estão Nei Lisboa, Carlinhos Carneiro, Negra Jaque e Os Replicantes. Nos intervalos entre os shows, o som fica sob comando de Ricardinho F, Bruno Suman, Julia Barth e Claus Pupp. Na sexta-feira, a line-up conta com os DJs de festas como MONA, Balonê, Rockwork, Festa Fun e Meltdown.

Canal Brasil celebra o cinema nacional em Cannes

No próximo sábado, o Canal Brasil exibirá a Maratona Festival de Cannes, com nove filmes premiados ou exibidos em edições anteriores do festival francês. A mostra vai ao ar a partir das 13h30min, e conta com filmes como *O Cangaceiro*, de Lima Barreto; *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, de Glauber Rocha; *Eu Sei que Vou Te Amar*, de Arnaldo Jabor; e *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho.

Na edição deste ano do festival, o Canal Brasil viajou com duas coproduções: *Baby*, de Marcelo Caetano, que teve sua exibição na última terça-feira, na 63ª Semana da Crítica de Cannes; e *Motel Destino*, de Karim Aïnouz, que teve sua estreia mundial na quarta-feira e concorre à Palma de Ouro. Confira a programação completa no site do JC.

Rafael Witt em busca do sentido da vida

Após retornar de sua primeira turnê na Europa, o cantor e compositor Rafael Witt lançará, no dia 31 de maio, seu novo single. *Don't Cry* busca explorar a procura pelo sentido na vida, tão comum entre jovens adultos. O single estará disponível em todas as plataformas digitais.

Durante o processo de composição, Witt procurou conectar-

se com o ouvinte em um nível profundo, refletindo os medos, esperanças e aspirações da condição humana. É uma lembrança gentil de que, apesar das dificuldades, somos capazes de encontrar paz e significado no caminho ao longo da vida.

O single apresenta colaborações de destaque: um dos versos, em português, foi escrito

pelo cantor e compositor gaúcho Duca Leindecker. Em dezembro de 2023, Rafael abriu o show de Leindecker no Theatro São Pedro. A voz de Gustavo Bertoni, cantor, compositor e integrante da banda Scalene, adiciona uma dimensão extra de emoção à faixa. A gravação foi no DaHouse Studio, em São Paulo, com produção de Lucas Mayer e Rodrigo Lemos.



PRODUTORA VMD E MALU FREIRE/DIVULGAÇÃO/JC

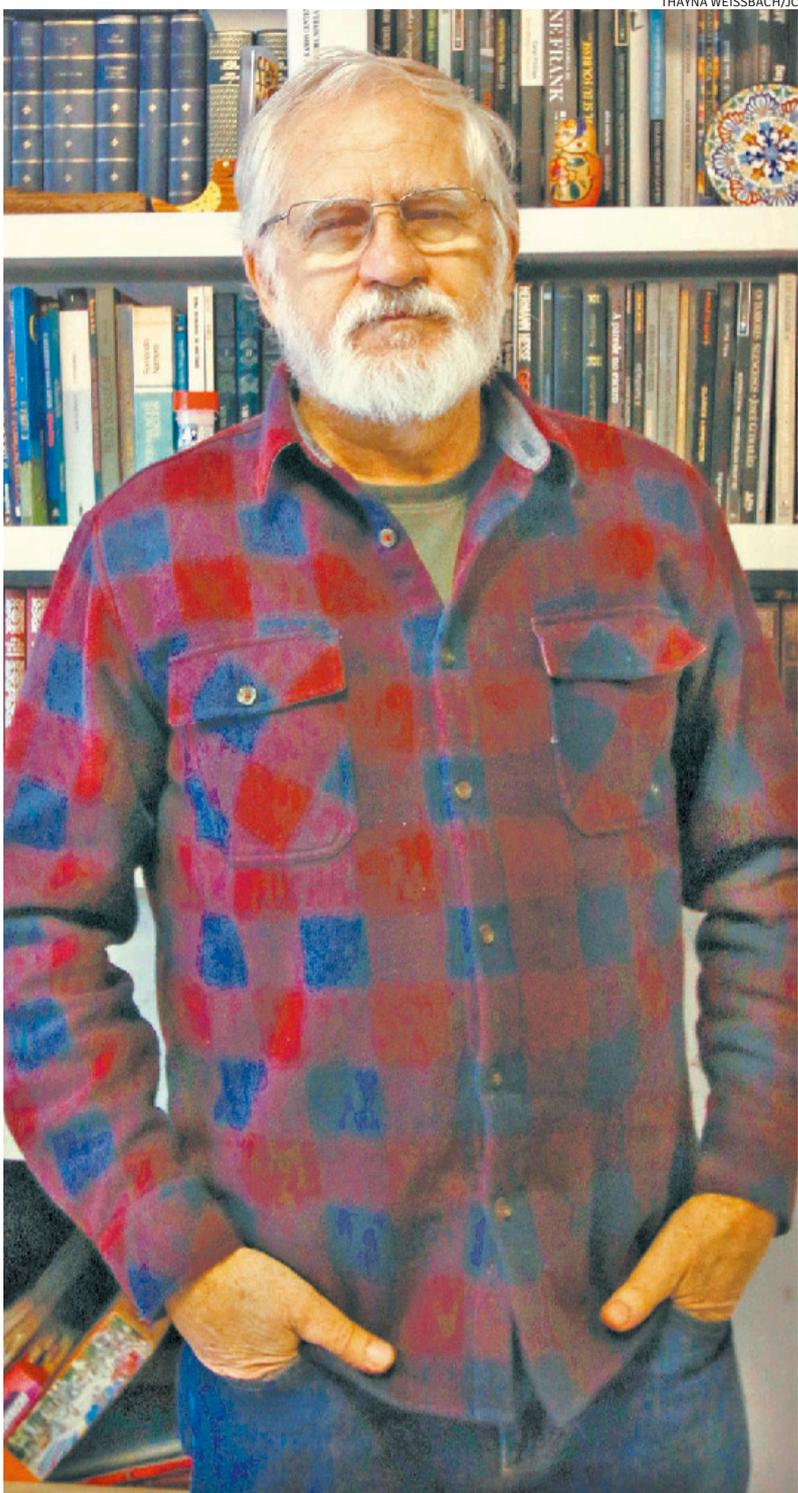
Don't Cry estará disponível em todas as plataformas digitais no dia 31 de maio

Projeto Pixote Acústico chega às plataformas

O grupo Pixote, um dos mais tradicionais do pagode no Brasil, disponibiliza para os fãs o projeto audiovisual *Pixote Acústico*. Nele, os grandes sucessos do trio estão compilados em um álbum que promete trazer nostalgia a quem o escutar. Ele já está disponível em todas as plataformas digitais.

Gravado em São Paulo, o novo álbum conta com vinte regravações que marcaram a vida dos pagodeiros nos últimos anos. *Pixote Acústico* foi gravado em 2023, com direção artística de Anselmo Troncoso, direção geral de Alex Calil, também empresário do grupo, e produção musical de Walmir Borges. A gravação em vídeo já está disponível no canal do YouTube do grupo.

reportagem cultural



Charles Kiefer: “Na literatura, eu espero que seja esquecido”

Uma oficina democrática

Rafael Gloria, especial para o JC *

Charles Kiefer também ficou conhecido por manter uma oficina de escrita em que se abordava as nuances do trabalho literário, analisava-se textos de autores consolidados e os participantes liam e comentavam as produções uns dos outros. Atualmente, há muitas iniciativas desse tipo, mas, no fim do século passado, a oferta era muito menor.

A oficina também publicava livros. “Eu tive muitos alunos. Lembro quando publicamos o *101 que contam* lá no Opinião. Nós fechamos para o lançamento. Vendemos nessa noite 980 exemplares. Estimo que passaram cerca de 5 mil pessoas lá, entre convidados e interessados. Teve peça de teatro, banda, e ficamos até de madrugada vendendo livro”, conta. Ao total, foram cinco obras lançadas nesse formato, com os textos dos alunos.

Ele conta que volta e meia procura na internet para ver se encontra algum exemplar, mas a maioria está esgotada. “É algo que, para um autor novo, é importante. E eu criei um padrão que, segundo alguns, destruiu a literatura do Rio Grande do Sul”, diz. Perguntando o porquê, ele diz que, na seleção dos contos para as antologias, não havia exatamente um julgamento. “Quem estabelecia o juízo era o próprio autor: se a pessoa quisesse publicar, publicava. Então, tem contos ruins nesses cinco volumes. Mas criei um sistema super democrático. Quem

decidia se publicava ou não era o aluno. E aí me criticaram muito. Porque a qualidade era muito desparelha. Tinha contos maravilhosos e outros ruins. Mas a ideia era essa. Era a pessoa ter o nome na capa”, explica.

A escritora Monique Revillion, vencedora do Açorianos de Literatura na categoria Contos, é uma das autoras que participou durante muito tempo das oficinas. “Foram tempos ótimos. O Charles costumava ser rigoroso, mas era um privilégio contar com a franqueza, generosidade, experiência e vasto conhecimento dele. Sempre foi muito enriquecedor sentir ‘ao vivo’ como o texto era recebido e como impactava cada um, perceber seu ritmo, ver evidenciadas suas qualidades e defeitos.”

Para sua escrita, ela acredita que foi uma experiência fundamental. “E nesse processo de também escutar, refletir e formar opiniões sobre os textos alheios crescíamos juntos, era uma intensa troca e aprendizagem. Ali, aprendemos especialmente a humildade, eu creio, que escrever exige trabalho, retrabalho, esforço, renúncias, um caminho de muita leitura, reflexão e estudo”, aponta. Monique tem muitas saudades daquela época, principalmente na fase em que a oficina aconteceu na Palavraria, importante espaço literário e cultural de Porto Alegre, que fechou suas portas em 2016.

O escritor e editor Paulo Tedesco conta que Kiefer foi muito importante em sua trajetória, tan-

to que acabou até se envolvendo nos livros lançados pela oficina. “Acabei indo para a editora Nova Prova e com o tempo assumindo também a gestão das obras *101, 102 que contam* etc. Portanto, posso dizer que a oficina também me ajudou muito na formação como editor, à medida que me aproximou da gráfica e também me mostrou o outro lado do autor.”

Atualmente, Tedesco toca a Consultora Editorial e é com ela que lançou o livro *Geração CK 2000*, que traz textos de 17 autores que passaram pelo curso. “Na maioria são contos inéditos, alguma poesia. Foi legal, nos reunimos e levou quase um ano entre esperar a entrega dos textos e todo o resto do trabalho. No fim, consegui dar a volta e foi um sucesso, vendemos bastante, está praticamente esgotado e já encaminhei uma nova tiragem para posicionar o livro”, diz.

Charles Kiefer revela que ficou contente com a homenagem. “Eu tenho um carinho muito grande por todo mundo que me acompanhou naquela época. Quando o Paulo me procurou, eu disse que não fazia o menor sentido. Na primeira hora eu recusei. Conversando com a Marta, mudei de ideia. Não pelo livro, não pelos textos, mas pelos alunos. É o jeito deles se reencontrarem. Mas uma coisa eu avisei: eu não ia no lançamento. Eles queriam que eu fosse. Acho que a Marta foi e me representou. É uma época da minha vida que já não faz mais sentido”, comenta.

Leituras e influências

No final de 2023, o Instituto Estadual do Livro (IEL) lançou novos fascículos da série digital *Escritores Gaúchos*, e um deles homenageia Charles Kiefer, trazendo fotos, entrevistas e trechos de obras que resgatam a sua trajetória. Entre os relatos estão os de autores como Antônio Hohlfeldt, Paulo Nascimento e Altair Martins. O livreto digital está disponível para *download* gratuito no site da instituição.

Kiefer diz que não acompanha a literatura contemporânea brasileira. “Eu não leio mais ficção. Mas leio poesia e leio biografias de escritores, de místicos, de santos, de políticos. E muito livro de teoria cabalística. A minha biblioteca tem quase 10 mil exemplares de livros do Kabbalah e eu não li a maior parte deles. É difícil conseguir esses livros, além de caros”, revela. No momento dessa entrevista, ele

estava lendo *O Último Cabalista de Lisboa*, de Richard Zimler.

Mesmo afastado da área, ele não esconde a admiração por escritores e períodos literários. “O Altair Martins para mim é o melhor escritor do Brasil, em matéria de texto, de arte literária. Outro que também é um gigante é o Sérgio Faraco. Daqueles escritores que tem o famoso *tour de force*. Tudo bem, devem ter escritores por aí que eu não conheço e que devem ser bons, mas eu não acompanho e portanto não posso falar.”

Charles Kiefer foi, durante muito tempo, professor do curso de Letras e da pós-graduação da Pucrs, lecionando e orientando pesquisas na área da teoria da literatura e da escrita criativa. E ele sabe como o trabalho da universidade foi e é uma referência na área no Brasil. Kiefer teve também uma passagem

pela Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, na qual estudou Escrita Criativa. “Eu sou fã da literatura americana, especialmente daqueles escritores e contistas. Fiz uma tese de doutorado sobre isso. Aqueles contistas que vão de 1820 até 1870. Que escritores maravilhosos. O Poe. O Hawthorne. A literatura norte-americana do século XVIII, XIX e XX até os anos 1960”, enumera.

O escritor e professor do curso de Letras da Pucrs, Arthur Telló, conta que Kiefer participou de sua banca de mestrado, tanto na qualificação como na defesa, também na mesma instituição. “E ele foi muito generoso e ajudou muito na história que eu estava escrevendo. Ele até foi sincero: disse que não estava achando ela muito bem escrita, mas tinha gostado dos protagonistas e da tensão. Então

eu consegui terminar aquele livro graças às sugestões dele”, conta. Telló considera *O Pêndulo do Relógio* (que ganhou o Jabuti em 1985) a melhor obra de Kiefer. “É uma novela ligeira, muito bem escrita, forte e tensa, acho que é uma das melhores obras do gênero novela da literatura brasileira.”

Reginaldo Pujol, autor de *Não, não é bem isso* e *Só faltou o título* e doutor em Escrita Criativa, foi aluno de Kiefer entre 2002 e 2011. “Charles é uma influência decisiva na minha carreira e na vida. Citar todos os marcos aqui seria impossível. Mas os dois primeiros anos de oficina foram uma espécie de alfabetização literária, aprender a ler com profundidade os textos de colegas, os livros que eram indicados, os livros que descobria. Charles viu um escritor em mim antes que eu visse”, revela.

Ele conhecia a obra do Kiefer por ler no colégio o *Quem faz gemer a terra*, que lhe chamou muito a atenção. “Eu tinha sido testemunha (infantil) dos eventos que inspiraram o livro. Eu estudava no Colégio Seigné, a duas quadras da Praça da Matriz, a duas ou três quadras de onde houve o confronto entre o agricultor e o policial militar. E depois fui ler esse livro que, na época, eu não tinha ferramentas para dimensionar, mas que, mais tarde, fui reler, pensando no gesto radical que foi, na sociedade gaúcha, conservadora e patrimonialista como ela, propor uma novela que assume o ponto de vista do agricultor sem-terra”, aponta. Pujol também salienta que o trabalho ensaístico e teórico de Kiefer também devem ser mencionados, principalmente as obras *Para ser escritor* e *A poética do conto*.

Mudança de vida

Em 2006, Charles Kiefer sofreu uma experiência de quase morte (EQM) que alterou toda a sua percepção e perspectiva sobre a vida. Há um relato estendido e impactante dele em um canal no Youtube chamado Afinal, o que somos nós? e que já tem mais de 220 mil visualizações.

Resumidamente, o escritor teve um problema derivado de uma cirurgia e foi para a UTI no Hospital São Lucas, da Pucrs. No relato, ele conta que reencontrou um amigo, morto há 20 anos na época, e que afirmou que seria seu guia. Esse amigo disse que, quando Kiefer voltasse a vida, deveria fazer três coisas - entre elas, formar um grupo de Kabbalah. “Quando eu tive essa EQM uma enfermeira notou que eu falava uma língua estranha enquanto dormia. Aí eu disse ‘faz o seguinte, grava’. E ela gravou. Era aramaico. Eu nunca tinha ouvido falar aramaico. Eu nunca tinha estudado aramaico. Como é que explica isso?”, diz. Kiefer ficcionaliza parte desse momento complicado de sua vida no livro *Dia de matar porco*, de 2014.

Mas ele não saiu de uma hora para outra da vida de escritor. Ao contrário, foi um processo lento em que foi entendendo sua nova missão. “Foi chocante. Eu era ateu. Quando falavam de espíritos, eu tirava sarro. Eu dizia que nem meu avô: Morreu, fedeu. Quando tu morrer, vai desmanchar, vai virar natureza. As almas não existem. E aí eu morro e encontro um amigo morto há muitos anos. E ele

me diz, olha, eu estou aqui para te ajudar, para te ensinar. E começamos uma longa conversa”, confessa.

Ao mesmo tempo em que entrava cada vez mais na Kabbalah, começou também a não ver mais sentido nas aulas da universidade e das oficinas literárias. “Como eu passei a ter muitos alunos de Kabbalah, fui substituindo as oficinas e as aulas oficiais da Pucrs. Até o momento que eu e a Marta, que também é professora, tivéssemos um número suficiente de alunos. Não tem Fundo de Garantia. Não tem férias. É o preço da liberdade”, diz. Ele comenta que também estava cansado das posturas de alguns alunos na universidade. “Lembro do caso de uma professora de uns 75 anos. Uma gênica. Um dia ela passou chorando por mim. Fui lá e perguntei o que aconteceu. Era o primeiro dia de aula. Um aluno levantou no meio da sala e falou: ‘A senhora não se aposentou ainda? Por que não morre de uma vez? Velha caquética’. E ela saiu da sala de aula chorando. Naquele dia virou uma coisa dentro de mim. Eu pensei que não iria permitir que um aluno de 20 ou 21 anos fizesse uma coisa dessas comigo. E aí foi que comecei a me encaminhar.”

Kiefer diz que os alunos da oficina literária e da kabbalah são muito diferentes. “O aluno de literatura está preocupado com o próprio ego. E esses alunos estão preocupados com a alma. Não estão interessados no ‘meu, meu, meu, meu’”, diz.



Charles Kiefer relembra experiência de quase morte: “Foi chocante. Quando falavam de espíritos, eu tirava sarro”

Ele acentua que a Kabbalah não é uma religião, e sim uma ciência da espiritualidade. “Ela aceita todas as outras. Eu tenho alunos judeus, muçulmanos, cristãos, ateus, budistas, xintoístas. E tenho alunos que não são nada: não estão interessados em formalidades religiosas. Então é um público completamente distinto, muito qualificado. E tem uma relação de muito carinho e respeito pelo mestre. Que é diferente da educação. Então assim, eu sou o *maguid*

deles, eu sou o instrutor espiritual. Eu não sou professor, no sentido de que eu vou ensinar alguma coisa”, explica.

Durante essa entrevista, Charles Kiefer parou em alguns momentos para tomar remédio. Ele havia tido alta há poucos dias do hospital, onde ficou mais de 30 dias internado devido a mais um procedimento cirúrgico. Perguntado se foi muito diferente daquela outra vez, ele responde que sim. “Completamente diferente. Sem

sofrimento. Porque eu virei cabalista. O problema é que acabou infeccionando. Mas, assim, passei os melhores 35 dias de férias da minha vida conectado ao aparelho. Fiz três grandes amigos. Um até me escreveu. O cara que está com câncer na garganta, um fazendeiro que mora lá em Osório. Tá louco que eu vá lá comer um churrasquinho com ele. Fiz um outro amigo que tinha sofrido um infarto, um cara bem jovem, que já está estudando a kabbalah”, diz.

CLAUDIO FACHEL/ARQUIVO/JC



Charles Kiefer (foto de 2005) ajudou a formar nomes importantes da literatura

Livros lançados

Charles Kiefer tem mais de 30 livros lançados em diversos gêneros. Alguns deles:

- ▶ Caminhando na chuva - 1982
- ▶ A dentadura postiça - 1984
- ▶ O pêndulo do relógio - 1984
- ▶ Valsa para Bruno Stein - 1986
- ▶ A face do abismo - 1988
- ▶ Quem faz gemer a terra - 1991
- ▶ Um outro olhar - 1992
- ▶ Borges que amava Estela & outros duplos - 1995
- ▶ Antologia pessoal - 1996
- ▶ Nós, os que inventamos a eternidade e outras histórias insólitas - 2001
- ▶ O escorpião da sexta-feira - 2002
- ▶ A revolta das coisas - 2009
- ▶ Para ser escritor - 2010
- ▶ A poética do conto: de Poe a Borges, um passeio pelo gênero - 2011
- ▶ Dia de matar porco - 2014



Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação (Ufrgs) e editor do site Nonada Jornalismo.

nas telas



Furiosa: Uma saga Mad Max chega aos cinemas neste fim de semana

Uma nova jornada ao universo de Mad Max

Concebido e conduzido pelo vencedor do Oscar George Miller, *Furiosa: Uma Saga Mad Max* chega aos cinemas neste final de semana, marcando uma nova visita ao icônico mundo distópico criado pelo cineasta australiano há mais de trinta anos. O novo longa da saga acompanha a jovem Furiosa (Anya Taylor-Joy) a partir do momento em que é sequestrada por

Green Place das Muitas Mães e cai nas mãos da horda de motoqueiros liderada pelo Senhor da Guerra, Dementus (Chris Hemsworth). A história se passa ao longo de quinze anos, com grandes saltos temporais – e é a odisséia de uma personagem que enfrenta várias proações, acumulando as habilidades que vão levá-la a cumprir seu objetivo: voltar para casa.

Emoções da paixão na adolescência

A comédia romântica *Morando com o Crush*, do diretor Hsu Chien e com Giulia Benite e Vitor Figueiredo como protagonistas, chega aos cinemas trazendo a história de Luana, que compartilha com seu pai a falta de sorte no amor. Desde que sua esposa faleceu, Fábio (Marcos Pasquim) nunca mais conseguiu namorar sério, e Luana só tem coragem de observar o seu crush, Hugo, de longe. A

sorte dos dois muda quando Fábio se apaixona perdidamente por uma colega de trabalho e planeja morar com ela. Ao mesmo tempo, Luana é convidada para um encontro com Hugo - o que complica as coisas, já que a nova namorada de seu pai é, na verdade, a mãe de Hugo. Agora, Luana e Hugo terão que dividir o mesmo teto enquanto lidam com o crush que têm um no outro.

Uma jovem mulher em autodescoberta

Sucesso no Festival de Sundance, o longa norte-americano *Às Vezes Quero Sumir* faz sua estreia nos cinemas gaúchos contando a história da tímida Fran (Daisy Ridley), que reside em uma pacata cidade costeira dos EUA e vê sua vida transformada a partir da chegada

de um novo colega de trabalho, Robert (Dave Merheje). Uma conexão inesperada surge entre eles, e logo a única barreira para um relacionamento será a própria Fran. Lidando com suas inseguranças e bloqueios, ela terá que se reinventar para, enfim, embarcar na aventura de viver.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

| Substância produzida no fígado a partir de gordura saturada | Adorno de caciques | O maior desejo do inquilino | O culto que une várias religiões | Alugar, em inglês | Principal música da novela | Erupção cutânea comum no verão | Filme de Ingmar Bergman |
|---|------------------------------------|-----------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------|---|--|---|
| Provéem da experiência, segundo o Empirismo | | | | Google | | | |
| Que é passível de troca | | | | | | | Perfume (poét.) |
| | | | | | Líquido para polir metais dourados (?) Foscolo, poeta italiano | | |
| Ferramenta de escultores | | (?) Kobra, grafiteiro e muralista | | | | | |
| Prenome comum no Oriente Médio | Qualificação do crime de sequestro | Agenciar tratados | Jogo típico de festas juninas | | | | |
| Órgão muscular que armazena a bilis | | | | | Lília Teles, jornalista brasileira | | Sua Alteza Real (abrev.) |
| | | | | | | Risco do Gabinete, no Parlamentarismo | Vitamina que previne a oxidação da célula |
| Identificar uma enfermidade | | | | Recepcionam clientes nos restaurantes | Sarrafo Instituto de meteorologia | | Arrasa; devasta |
| Ponto mais alto da montanha | | Cidade alemã às margens do Reno | | | | | |
| Cada movimento feito no origami | | | | Santa (?), padroeira da pureza | | Ave nos jardins do Palácio da Alvorada | |
| | | | | Memória volátil (Inform.) | | | |
| Som anormal do coração (Med.) | Que não sofreu prejuízo | | | | | Título de Abraão | |
| Queijo artesanal do sudoeste de Minas | | | | | | Adoçante natural | (?)4, formato de folhas de papel |

BANCO — rent. 5/habib. 6/badame. 7/matres. 14/ovo da serpente. 4/caol — 26

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

Solução

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|--|
| A | V | A | R | S | V | N | A | C | |
| L | M | E | E | D | N | I | | | |
| O | I | P | I | M | O | R | O | S | |
| S | N | A | N | V | B | O | D | | |
| S | E | I | A | I | M | R | N | | |
| V | A | R | I | C | O | P | O | | |
| R | V | I | S | O | N | V | I | | |
| E | V | L | A | C | I | S | E | | |
| S | A | R | B | B | A | H | | | |
| O | V | A | R | C | O | | | | |
| O | D | V | A | E | N | E | V | | |
| O | L | V | E | M | V | A | D | | |
| O | V | A | T | U | M | O | C | | |
| O | N | T | E | C | E | H | N | | |
| L | O | R | E | S | T | O | C | | |
| U | R | | | | | | | | |

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: O dia certo para enfrentar problemas e dificuldades. Você poderá ter a coragem e a disciplina necessárias para conseguir superar o que antes lhe impedia.

Touro: Marte e Saturno estimulam lutar por seus sonhos, mesmo quando isso custar esforço, perseverança e sustentação do entusiasmo diante das adversidades.

Gêmeos: É tempo de construir um futuro renovado, tanto no trabalho quanto em sua posição no mundo. Utilize o melhor de sua vocação na constituição desse futuro.

Câncer: É tempo de rever sua atitude básica, e aceitar estar mais próximo do que interiormente você é. Seus valores precisam estar em consonância com seus atos perante o mundo.

Leão: Algo de importante pode ser descoberto hoje, algo que você podia até desconfiar, mas que agora está se torna uma certeza. É possível desvendar um conhecimento misterioso.

Virgem: É tempo de ter uma atuação mais firme com relação a posses vividas em conjunto com outras pessoas; e também com relação à pessoa com quem vive ou trabalha.

Libra: Situações adversas podem ser vencidas ou superadas a partir de uma aliança. A cooperação no trabalho irá multiplicar e muito sua força.

Escorpião: Momento de ações criativas no trabalho e expressão vigorosa dos sentimentos afetivos. Mesmo que com algo de rude e cruamente objetivo, ainda assim há avanços positivos.

Sagitário: É tempo de confiar em seu potencial mais íntimo. A autoconfiança é a base para ações corajosas no relacionamento amoroso, nas iniciativas de renovação e na atuação criativa.

Capricórnio: Os conflitos em família e em sua rotina são devido a divergirem na avaliação das situações. Procure se entender melhor, pois hoje é possível conversar e se entender.

Aquário: Saturno reforçando a perseverança de Marte favorece as ações construtivas, em especial nos negócios, nos contatos humanos e nos assuntos intelectuais. Trabalhe nos detalhes.

Peixes: Um dia positivo para lutar por conquistas materiais e para levar adiante empreendimentos financeiros e comerciais. O momento exige utilizar bem seu talento e capacidades.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Saga familiar italiana

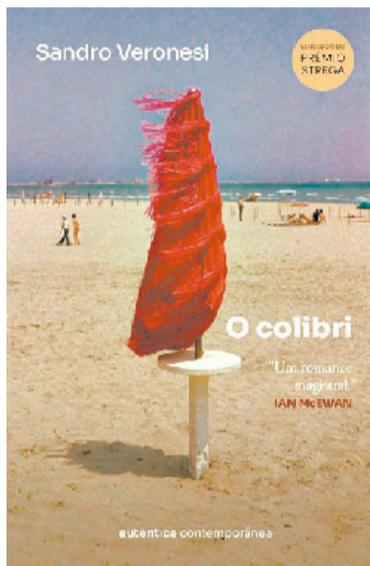
O colibri (Autêntica Contemporânea, 336 páginas, R\$ 74,90, tradução de Karina Jannini), do consagrado escritor italiano Sandro Veronesi, apresenta, em narrativa fragmentada, a saga de quatro gerações da família Carrera, ambientada em Florença e em outras pequenas cidades italianas. A história é contada de modo não linear e utilizando diversos gêneros, como cartas, e-mails, chamadas telefônicas, conversas de WhatsApp e documentos, e cobre um período que vai desde os anos 1970 até aos dias atuais.

Sandro Veronesi nasceu em Florença em 1959 e escreveu mais de vinte obras, entre romances, contos, poemas e peças jornalísticas. É considerado um dos escritores italianos mais importantes das últimas décadas e o único a receber o Prêmio Strega por duas vezes: uma em 2006, com o romance *Caos Calmo*, e em 2020 com este *O colibri*.

A narrativa é feita a partir de Marco Carrera, um oftalmologista cuja rotina estável é abruptamente interrompida quando um desconhecido, que, apesar disso, conhece a fundo seu passado, visita seu consultório com o aviso da iminência de um perigo. O encontro traz para Mario verdades inesperadas sobre sua vida e desencadeia um fluxo de recordações, envolvendo sua juventude, sua família e um amigo muito especial, além de uma paixão extraconjugal.

O apelido de colibri colocado em Mario pela mãe, na infância, se tornou uma feliz metáfora para ele, que sempre se manteve calmo e estável em meio ao caos das transformações. O romance ganhou uma adaptação cinematográfica, em 2022, pela diretora italiana Francesca Archibugi e protagonizada por Pierfrancesco Favino.

Como se vê, a obra nos



instiga a reflexões sobre morte, vida, amor, traições, saúde mental, caprichos, resiliências, juventude e envelhecimento, um romance que emociona sobre a necessidade de olhar para o futuro com esperança. Um romance ao mesmo tempo engraçado e profundo, desses cheios de amor, humor e tragédia.

e palavras...

GUERRA CIVIL, DEMOCRACIA DECLINANTE E DISTOPIA

Não por acaso, o filme *Guerra Civil*, do premiado diretor Alex Garland (*Ex Machina*), com os atores principais Wagner Moura, Kirsten Dunst e Cailee Spaeny e lançado em abril, é sucesso internacional de bilheteria e tem recebido, no geral, críticas altamente favoráveis. O filme aborda questões essenciais de nosso tempo, como o alegado declínio da democracia em várias partes do planeta, a violência pessoal e coletiva crescente e decorrente, em especial, de polarizações e de *fake news*, bem como questões raciais e os problemas de migrações. O papel da imprensa, tema candente da atualidade, é, igualmente, um dos tópicos relevantes do filme.

A narrativa se passa nos Estados Unidos de um futuro não muito distante, com dois importantes estados, Texas e Califórnia, em conflito com o resto do país. Num momento em que se aproximam as eleições nos EUA e tensões, adormecidas ou não, afloram em conversas dentro e fora de casa, nos transportes públicos e principalmente na internet e mídias sociais, o filme faz pensar. O longa metragem traz um cenário político onde motivos são secundários e, em verdade, a narrativa não é propriamente um filme de guerra. Está mais para um filme anti-guerra, mostrando a frieza, a indiferença e a extrema crueldade de muitos seres ditos humanos, notadamente quando envolvidos em uma guerra.

Quatro jornalistas se aventuram, numa caminhonete, nas estradas de um país jogado numa guerra civil,

capitaneadas por muitas facções, com cidades destruídas, ruas vazias, incêndios e aparatos do que sobrou de um Governo em estado de alerta. Os jornalistas querem cumprir seu papel, fotografar e entrevistar o presidente que não dá entrevistas, mesmo colocando em risco suas próprias vidas. Em muitos lugares roupas com a palavra Press não vão protegê-los e podem acabar sendo alvos de balas perdidas - ou mesmo balas certas, de quem não gosta de imprensa.

Em meio a muita ação, muitos efeitos impactantes e competentes de luz, imagem e sons altíssimos de tiros e bombas e cenas de violência aterrorizantes, retratadas muitas vezes em preto e branco, os espectadores vão sentir a angústia de viver em um país dominado por uma Guerra Civil que atira o país em uma incerteza imensa.

Na medida em que a caminhonete onde estão os quatro intrépidos jornalistas vai avançando, por estradas desertas, em direção a Washington, as coisas vão tomando um rumo cada vez mais veloz e perigoso. O país e seus habitantes vão sendo mostrados em cenas com duro realismo, e os espectadores vão experimentando sensações diversas e mesmo contraditórias, dignas de um mundo onde frequentemente não se sabe mais quem é quem e como tudo vai terminar. No vale-tudo da guerra civil, os humanos mostram que estão mais propensos a divergirem e se separarem por questões mesquinhas do que por defesas sinceras de um algum tipo de princípio nobre.

a propósito...

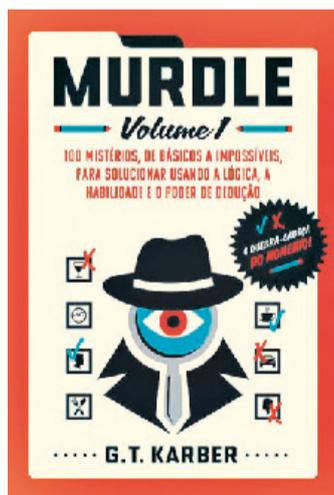
Guerra Civil não fala explicitamente ou totalmente em pessoas, locais e datas e isto não o torna, a meu ver, um filme isentão, como pretendem alguns. O filme apresenta mais perguntas do que respostas e provoca inquietação, medo, reflexão e inspiração para agir em um mundo como o nosso, com poucas referências, pessoas, ideias e proposições

saudáveis e duráveis. O filme nos leva a pensar em convívio pacífico, democracia crescente, liberdade, meios de comunicação livres e nos eternos horrores de tempos de Guerra Civil, quando irmãos brigam dentro da própria casa, muitas vezes incentivados por oportunistas e sem saber realmente os motivos. **(Jaime Cimenti)**

lançamentos



► **Diário tardio** (Estação Liberdade, 128 páginas, R\$ 56,00), de Max Mannheimer, pintor tcheco nascido em 1920, sobrevivente de Theresienstadt, Auschwitz, Varsóvia e Dachau, que sofreu todo tipo de humilhação, perdeu quase toda a família, revela uma vida de milagres. Ele escreveu as memórias em 1970 e publicou apenas em 2000.



► **Murdle - Volume 1 - 100 mistérios, de básicos a impossíveis, para solucionar usando a lógica, a habilidade e o poder de dedução** (Editora Intrínseca, 400 páginas, R\$ 59,90), de G.T. Karber, criador do jogo online Murdle, é um belíssimo livro de quebra-cabeças de mistérios e assassinatos inspirado no jogo de Karber.



► **Atravessando o deserto emocional** (Paidós, 256 páginas, R\$ 56,00), de Thais Basile, psicanalista e palestrante, autora do livro *Nossa infância, nossos filhos*, fala dos impactos de fazer parte de uma família emocionalmente adoecida e de como sobreviver a uma infância com falta de escuta, apoio e reconhecimento de suas dores.

pensando cultura

Sedac resgata e recupera acervos atingidos pela enchente

A Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) está, com o apoio de funcionários e voluntários, atuando no resgate e recuperação de acervos de museus e organizações que foram afetados pela enchente. Entre as ações estão o mapeamento desses acervos, o cadastro de voluntários, orientações técnicas aos profissionais que trabalham nos equipamentos culturais e a articulação de parcerias públicas e privadas.

Espaços como o Museu e Arquivo Histórico de Montenegro, Museu e Biblioteca de Igrejinha, Museu Visconde de São Leopoldo, Museu de Lajeado, Instituto Pão dos Pobres (coleção documental e fotográfica) e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Ufrgs já receberam as equipes da Sedac.

O mapeamento inicial sobre os equipamentos culturais impactados foi realizado pelo Sistema Estadual de Museus (SEM/RS) e aponta que pelo menos 50 museus podem ter sido afetados. Até o momento, foram confirmadas inundações em 19 instituições, além de nove museus com transbordamento de calhas e goteiras.

A Sedac criou um cadastro de voluntários que já conta com 484 pessoas inscritas. Dessas, 313 são técnicos e especialistas na área de patrimônio, como conservadores, museólogos, restauradores e arquitetos. Pelo formulário, 24 instituições governamentais de diversos estados se dispuseram a ajudar.

“A partir de agora, graças a todos esses profissionais e a tantos outros de fora, será igualmente possível a realização do restauro e da recuperação de obras de equipamentos culturais de todo o Estado, não somente de instituições vinculadas à Sedac”, ressalta a secretária da Cultura Beatriz Araujo.

Os museus vêm sendo instruídos a não descartarem os itens danificados e evitarem que equipes de limpeza atuem de forma incorreta nos locais de exposição e guarda de acervos. Também recebem informações sobre como conduzir o resgate de peças depositadas na lama e procedimentos de higienização, congelamento de documentos e secagem de peças.

A coordenadora do SEM/RS, Doris Couto, explica que “tão



Voluntários atuam na recuperação de discos, documentos e fotos que entraram em contato com a água



Sedac pede aos museus que não descartem itens danificados, além de evitar conduzir limpezas de modo incorreto

logo as águas baixem e as edificações sejam inspecionadas, as peças devem ser retiradas, evitando assim danos potenciais”. Ela também enfatiza que “todo

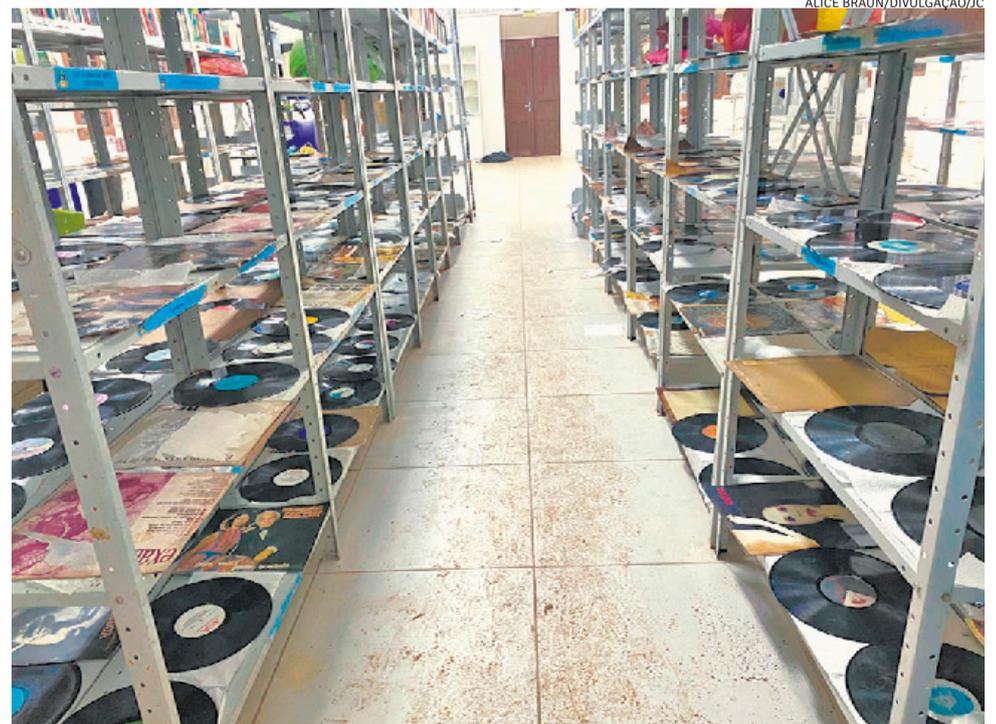
tipo de acervo pode ser restaurado e nada deve ser posto fora, sendo fundamental a orientação técnica para essa etapa”.

Nos próximos dias, doações

de materiais de conservação, como papéis absorventes, enviadas por museus e memoriais de todo o Brasil, devem chegar ao Rio Grande do Sul.



Procedimentos de higienização, congelamento e secagem podem recuperar itens danificados



Mapeamento inicial indica que pelo menos 50 museus do Estado sofreram danos em acervos